



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação

Kaleb Giulia Ribeiro Salgado

Educação com pessoas transgênero: perturbando a escola

Brasília
2022

KALEB GIULIA RIBEIRO SALGADO

Educação com pessoas transgênero: perturbando a escola

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagogo, sob a orientação de Prof^ª Dr^ª Patricia Lima Martins Pederiva

BRASÍLIA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

Kaleb Giulia Ribeiro Salgado

Educação com pessoas transgênero: perturbando a escola

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagogo. Apresentação ocorrida em 03/04/2022.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Joaquim Ferreira - Graduado no Curso de Letras Licenciatura em
Português - Francês

Mestra Manuela Rodrigues Santos – Professora do Instituto Federal de
Sergipe-IFS (IFS/UnB)

Daiane Aparecida Araújo de Oliveira - Colégio CIMAN / GEPPE (UnB)
(suplente)

BRASÍLIA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nome: SALGADO, Kaleb Giulia Ribeiro

Educação com pessoas transgênero: perturbando a escola

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2022. 40 p.

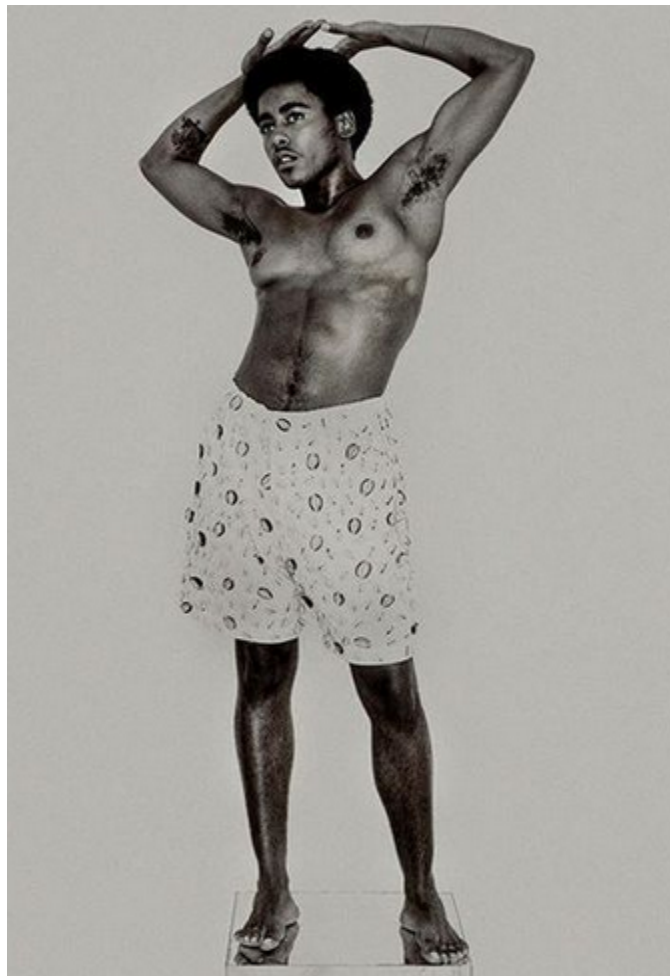
Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2022.

Palavras-chave: trans; educação; não-binariedade; infância; escola.

DEDICATÓRIA

À todas as pessoas que educam com ousadia, estejam elas nas escolas ou nas ruas, nos prédios, nos terreiros, vivas ou desencarnadas, aquelas que não culpam as crianças desajustadas, que não desistem de crianças nem de adultos. Em especial, dedico este trabalho ao Demétrio Campos¹, para sempre em nossas memórias e forças.

Figura 1 - Sem título



Fonte: Página do Demétrio no Instagram

¹ Homem trans ativista, artista, dançarino, modelo e referência nos movimentos antirracistas e trans. Foi suicidado em 2020.

Ceguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Ceguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura.
- bell hooks (2019, p.83)

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito todas as pessoas que me educaram formal ou informalmente para o que estou sendo hoje, têm tanta gente que seria impossível citar todes.

Mesmo assim, preciso dizer que sou muito agradecido pelos ensinamentos e todo o apoio de minha mãe e pai, minhas inspirações;

Pelos saberes e esperança contagiantes de minha orientadora que sempre acreditou em nós, até nas maiores loucuras;

Pelo amigues do PET-Educação por terem me constituído no pedagogo consciente que sou e pelos laços que afeto que sempre me tocam ;

Especialmente às minhas amigas Anaira Taynar, Beatriz Rezende e Lohany Kayná Apostolo Perpetuo que para além de nossa amizade, seguiram de mãos dadas comigo e me ajudaram nesse parto de ideias;

Por fim à todes es colegas de curso, de luta, que generosamente compartilham seus conhecimentos, tintas e gritos comigo, à todas as pessoas que me antecederam e continuam nos movimentos sociais, sem as quais eu jamais saberia que é possível vencer... Como Linn

Da Quebrada já disse: Vencer é como um chamado. **Vem-ser.**

Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho se propõe a discutir o entrelaçamento de gênero, sexualidade, escola, infância e transgeneridade, com foco maior em não-binariedade, e para isso utiliza metodologia de ensaio por meio de revisão bibliográfica e uma conversa imaginada com autories. Assim sendo, está dividido em uma parte introdutória geral da política de gênero trans no Brasil; em uma parte de debate com autories, nos quais dialoga prioritariamente com as teorias de Judith Butler, Paulo Freire e Lev Vigotski.

Palavras chave: trans; educação; não-binariedade; infância; escola.

ABSTRACT

This paper proposes to discuss the interweaving of gender, sexuality, school, childhood and transgenerality, with a greater focus on non-binarieness, and for this purpose uses a methodology of essay through bibliographic review and an imagined conversation with authors. Thus, it is divided into a general introductory part of trans gender politics in Brazil; in a part of debate with authors, in which it dialogues primarily with the theories of Judith Butler, Paulo Freire and Lev Vigotski.

Key-words: trans; education; non-binary; childhood; school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sem título	05
Figura 2 - Parto Deshumanizante	36-37

SUMÁRIO

Introdução	12
Chegando à estação	15
Estação cafezinho e chá	19
Estação conversas com Paulo Freire	19
Estação conversas com Judith Butler	23
Estação conversas com Lev Vigotski	29
Última estação, por enquanto...	35

INTRODUÇÃO

Ser mulher sempre foi algo que me atravessou, atravessou mesmo, não fui eu que escolhi. Me atravessou como um trem desgovernado, sem sinalização prévia de que estava vindo. E todo mundo acha natural que assim seja, sem perguntar de onde esse trem veio, o que estava fazendo ali no nosso caminho, sem perguntar para onde vai. Eu não escolhi ser trans também, de forma alguma escolhi qualquer dos gêneros que me compõem ao longo do tempo, muito menos ter um gênero. Então restou-me comprar uma passagem e decididamente entrar nesse trem, não deixar que ele me atropеле com suas certezas, escolhi embarcar nisso que perpassa todas as pessoas que vivem no século XXI e estão sob valores ocidentalizados. Eu escolhi analisar esse trem, escolhi estudar como suas ferramentas, técnicas e tecnologias funcionam, como se atualizam com o passar dos tempos, isso sim eu escolhi.

Nessa viagem, o veículo me levou para várias regiões. Vi paisagens, modos de vida muito distintos uns dos outros. Havia lugares com costumes diferentes de andar nesse trem. Tinham pessoas que viajavam deitadas, quase totalmente confortáveis, outras apenas se penduravam com uma mão nele, como se dissessem que só precisavam de uma carona rápida, momentânea, para chegar em outro lugar. Entretanto, havia também aqueles que eram arrastados, pessoas puxadas por longas distâncias pelo transporte, sendo levadas para um destino sem saber se o queriam ou não, sem ninguém tendo dito o que era esse bendito trem, apenas que ele nos encontra a todos.

Me toca profundamente que minha “descoberta” na transgeneridade tenha sido uma mera “sorte” do acaso. As pessoas cis adoram estudar como é que esse fenômeno acontece em nossa cabeça, mas, vou apenas dizer que um dia isso aconteceu e eu sabia que não tinha mais volta. Ai, pronto, embarquei em questionamentos, dúvidas e noites em claro, procurando referências sem fim. Mas, o que me intriga nisso é que precisou que eu fosse ao encontro da transgeneridade para que ela florescesse em mim, porque se dependesse das escolas, dos espaços consagrados de conhecimento, que passei para que entendesse, soubesse dessas vidas trans... Onde será que eu estaria hoje? Precisou muita coragem para não ignorar as perguntas sobre minha identidade. Ah, as perguntas... elas são bem temidas as vezes.

Tendo dito isso, me indigna as crianças viadas, desviadas e mal-amadas deste país terem que seguir adultos e adultas que se auto intitulam os donos do saber, são as e os fiscais de conduta humana. Nós chegamos ao mundo achando que tudo está resolvido

e que só precisamos entender como ele funciona, já que para tudo as adultas e os - principalmente os - adultos têm uma resposta, uma resposta certa. O céu é azul por que deus quis, a mamãe e o papai estão juntos por que se amam, eu vou para a escola por que tenho que aprender, uso vestido pois é coisa de menina e seu irmão está cortando o cabelo curto para ficar bonito.

Ora, se todos os adultos e adultas sabem de tudo, por que ficam tão zangados quando repetidamente lhes é perguntado o porquê das coisas? As crianças vêm ao mundo cheias de curiosidade, tudo é novo e interessante. Já que o céu é azul, por que deus quis, por que é que deus quis? Vou para a escola para aprender, mas por que aprender? Uso vestido porque é coisa de menina, mas por que é coisa de menina? É aí que os grandes perdem a paciência, mas se tudo é tão óbvio qual o problema de perguntar? Será que é por que não sabem? Existe alguém que sabe? Afinal, o que é saber?

É engraçado, as adultas e adultos agem como se tudo estivesse bem resolvido e, à medida que crescemos vamos entendendo a verdade do universo. Mas, não nos contam que quanto mais a gente conhece as coisas, mais coisas têm para conhecer, e os porquês um atrás do outro nunca se esgotam.

Foi assim que aprendi a gostar de boneca, de rosa, de ser obediente e esforçado, sair desse padrão significava algo impensável, logo eu que gostava tanto de pensar nas histórias fantásticas, de escapar da realidade, imaginar-me em aventuras, não conseguia pintar um mundo que não fosse cor-de-rosa. Disseram-me que o mundo era assim, e eu achei que meus porquês eram símbolo de burrice, afinal se uma criança não entende algo ela é atrasada, não é? Ela é “a burra, a lerda, a café-com-leite”.

E por isso eu me indigno, por tantas infâncias roubadas, por tantas fantasias que só se tornam possíveis às margens da vida, por tanto tempo adultos terem feito eu acreditar que as dúvidas eram sinônimo de burrice. Só não contavam com as más influências, ah... as más influências. Pra existir os bons exemplos, as crianças de ouro, é porque certamente existem as malcriadas, as criadas mal por que não foram educadas com “afinco” para seguir uma linha reta de sucesso e comportamento. E foi com elas que aprendi: a dúvida é perigosa. A dúvida abre espaço, a dúvida constrói a possibilidade, a dúvida é uma afronta ao concreto e à certeza, é aí que as crianças desviadas, machonas, mal-educadas, atentadas, mulherzinhas, frouxas e doidas aproveitam.

E poderiam aproveitar mais, se divertir mais. Me indigno visto que tudo podia ser diferente, as crianças pintariam as ruas das cores que quisessem. Tenho raiva pois dignidade não precisa ser privilégio, pois vislumbro um futuro diferente, no qual pessoas não são descartáveis, que todo mundo pode sonhar, que água não é contrato², que comida não é luxo nem lixo.

Para continuar este diálogo, é preciso pontuar que neste texto houve a tentativa de escrever com pronomes inclusivos a todos os gêneros. Há momentos que o uso das palavras no masculino é intencional. Não estamos acostumades a ler e falar sem excluir parcelas de pessoas, de identidades, mas fazer esse exercício sério é certamente algo potente. Toda vez que se deparar com alguma palavra diferenciada, algum pronome colocado de maneira “estranha”, que te incomoda, lembre-se que todos os dias as pessoas trans e travestis escutam a todo momento seus pronomes errados, que todos os dias estão sendo chamades de algo esquisito que não lhes corresponde. Então, acostume seus olhos e ouvidos, convido-te a fazer o esforço de continuar a leitura mesmo que esse vocabulário não faça parte do seu cotidiano, mesmo que seja esquisito.

Isto posto, o presente estudo surge em decorrência da carência de pesquisas mais aprofundadas sobre as relações de gênero à luz das contribuições da população travesti e transgênero no contexto escolar. Nesse sentido, aqui pretende-se de forma interseccional, discutir as noções de ‘escola’, ‘infância’ e ‘relações de gênero’, por meio de uma análise do assunto com base na perspectiva histórico-cultural, em diálogo com outras mais. Assim sendo, é buscada uma aproximação entre as questões da educação e as questões de gênero de modo a entender como se entrelaçam nesse contexto.

O objetivo geral da pesquisa é **discutir uma bibliografia selecionada sobre escolarização da população transgênero, com foco maior na comunidade não-binária - entendendo-a como parte da comunidade trans - , a fim de debater fatores que influenciam estas infâncias a estarem à margem do sistema educacional.**

² Referência à música “Água não é contrato” (2021)

CHEGANDO À ESTAÇÃO

Pensar a educação é sempre algo complexo, tem gente que diz que muita coisa não têm nexos, outras que a escola é puro reflexo... Da precária sociedade, que tem gente sem escolaridade, um lugar pra passar de idade, aquele que vêm antes da faculdade. Tem gente que diz que o papel de professor é ensinar o acento circunflexo, escola não é pra falar de sexo, o decoreba têm que estar conexo, por que a vida não é fácil, então por que a escola têm que ser?

Mas o que a escola tem que ser? Ora, pois por exemplo, se queremos uma sociedade intolerante ao afeto homossexual, este assunto não só será desvalorizado, algo não digno de discussão, como também usado para o controle de diversas opiniões, narrativas. A escola é um dos lugares onde se têm maior controle sobre as divergências, onde a transfobia foi naturalizada, que a família “tradicional” hétero é a origem e o destino de todos.

Uma reflexão importante para se pensar em como chegamos nisso é o que explica Helena Vieira (2021) - e em seguida Judith Butler -, segundo ela devemos olhar com atenção o século XIX, nele se criam verdades absolutas, biológicas e apaga-se todos os rastros de seu feito, de forma que pensamos que elas sempre estiveram ali. De acordo com Butler, até mesmo o genital dividido entre masculino e feminino foi historicamente construído, o dito “sexo biológico” é historicamente feito. Também a construção da família, da escola, do casamento, do racismo não foram um mero acaso de vontades de pessoas aleatórias, é, na realidade, um sistema no qual a escola desempenha o papel de escolarizar, empacotar as mentes (ILLICH, 2018) e mandá-las para um trem conduzido pelos poderosos. Como veremos adiante e nos próximos capítulos, escola, transgeneridade, sexo e raça/etnia estão intimamente conectados.

Além disso, muito se acredita que a educação é algo que apenas ocorre na escola, entretanto a isso atribui-se a classificação de “educação formal” já que de acordo com Paulo Freire (2019) o mundo é mediador de nossas experiências e aprendizagens. Para entender melhor como a instituição escolar chegou a um papel tão importante na sociedade capitalista é preciso saber que nem sempre a escola, como é conhecida hoje, existiu.

Em consonância com este pensamento, falar sobre educação é falar sobre culturas, que por sua vez precisa ter seu colonialismo apontado, um processo histórico

de apagamento dos povos originários, das tradições indígenas e africanas, que estabeleceu uma forma de organização das sociedades com base em binarismos, na separação de selvagens e civilizados, de países em desenvolvimento e desenvolvidos, de machos e fêmeas, de feminino e masculino, por meio da sujeição e do controle dos corpos.

Um exemplo disso e como a escola nem sempre foi como está sendo é que, de acordo com Saviani (2007), a instituição escola nasce da escravização, tomando por exemplo na Grécia antiga este lugar era visto como um espaço do ócio, onde os homens da elite ateniense - apenas homens - podiam exercer atividades intelectuais livremente, enquanto o resto da população não-privilegiada não dispunha deste 'tempo', destas oportunidades. Com a Revolução Industrial, Saviani aponta que a escolarização passa a ser fundamental para que as massas possam ser incorporadas no novo processo produtivo, assim sendo, separa-se um ensino geral e intelectual para as classes trabalhadoras e outro para as classes dominantes, pobres, não-brancas, etc.

Esta educação conservacionista é responsável pelo que Vigotski (2009) chama de “formação de adultos resignados e imitadores”, pois os processos de imaginação e fantasia não têm significado prático sério na aprendizagem para as ‘massas’. De acordo com Vigotski, o processo de imaginar é composto pela criação e pela repetição da realidade vivida, e não da centralização de um sobre o outro, como muito acontece com o foco na repetição - ideal fundamentado nas necessidades da Revolução Industrial e do capitalismo.

É diante deste cenário, que este texto busca discutir as potencialidades de uma educação libertadora como sonharam Freire e bell hooks, mas também *perturbadora*, em que *práticas desobedientes*, de bagunça, de liberdade para a curiosidade, para a pergunta, sejam vistas enquanto potência criadora (VIGOTSKI, 2009) e centro do processo educativo. Isto envolve pensar também como as relações sociais na educação estão acontecendo, elas estão sob uma ótica cisnormativa? As crianças têm direito a se expressarem em suas singularidades? Há abertura para discutir sexualidade na escola? Meninos podem gostar de rosa? As pessoas podem não se identificar nem com homens nem mulheres? Essas são algumas questões que devem ser abordadas por profissionais da educação se procuramos garantir pleno acesso dela à *todes*.

Dito isso, este é um trabalho que se justifica diante das necessidades de inclusão da população trans e travesti nos espaços de poder, nos conhecimentos produzidos pela academia e no combate à exclusão escolar, visto que de acordo com o estudo “A dor e a

delícia das transmasculinidades no Brasil”, que tiveram 1219 respostas à um questionário virtual, ocupar o espaço formal de educação e ter respeito é um desafio para pessoas trans:

(...) a maioria não tem o seu nome social respeitado por motivos diversos, sendo que a transfobia está com o maior índice apontado. A grande maioria dos que deixaram de estudar e/ou sofreram expulsão foi em virtude de sua identidade trans, deixou de estudar ou cursar e/ou sofreu expulsão por ser trans.

(REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES et al., 2021, p. 48)

Além disso, apontam outros dados alarmantes como as dificuldades de exercer profissão no meio educacional:

as atuações de pessoas transmasculinas nas gestões escolares representam o total silenciamento e não pertencimento, com 91,1% dizendo que, mesmo sendo profissional de ensino, não atuam, enquanto somente 8,9% são atuantes na área.

(REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES et al., 2021, p. 47)

Essas são todas questões presentes no cotidiano de brasileiros, tendo em vista o cenário de eleição de um presidente que se apoiou no ataque aos LGBTIA+, cenário com pautas e discussões políticas como o “Escola sem partido”, a “Ideologia de gênero”, o Projeto de Lei nº 504/2020, que proíbe a exibição de casais LGBT em propagandas para “proteger crianças”, a ausência dos temas de gênero e sexualidade na BNCC, os 34 projetos de lei para proibir o uso de linguagem neutra nas escolas, dentre outros.

O uso da linguagem inclusiva, neolinguagem ou linguagem neutra, é um dos novos focos de ataque de partidos conservadores na corrida eleitoral do ano de 2022. De acordo com a reportagem de Camila Figueiredo e Malvezzi (2021):

Em 19 estados brasileiros e no Distrito Federal, o uso de gênero neutro na língua portuguesa é tema de projetos de leis, neste momento, de acordo com um levantamento feito pela **Agência Diadorim**. Ao todo, 34 propostas tramitam em Assembleias Legislativas do país. Todas querem impedir a variação na norma gramatical para além do binário masculino e feminino.

A primeira lei aprovada e sancionada é de Rondônia. Ela foi assinada pelo governador Marcos Rocha (PSL) em 19 de outubro e proíbe a linguagem neutra na grade curricular e no material didático de instituições de ensino públicas ou privadas e em editais de concursos públicos. (...) Dos 34 projetos, 13 são de parlamentares eleitos pelo PSL, ex-partido do presidente Jair Bolsonaro. Os dados apurados pela **Diadorim** mostram ainda que 31 propostas são de autoria de homens, o que representa 88,57 % dos casos. Oito deles foram criados por

deputados militares (sargentos, tenentes, capitães ou delegados). Há também um pastor e um “apóstolo”.
(FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2021)

Dito isso, nota-se que escola, gênero e educação são temas discutidos no dia-a-dia de brasileiros, mesmo que estes/as não o façam de forma consciente, homens cis brancos sabem do papel que a educação do país têm para transformar a política, para manter o poder na mão das mesmas famílias de homens brancos cisgêneros.

Todos estes temas são importantíssimos para tode educadore, todavia na minha graduação não tive sequer uma matéria sobre gênero e sexualidade disponível na Faculdade de Educação, nem mesmo optativa. Durante esses semestres inicialmente minha busca por entender a raiva *do oprimido* (FREIRE, 2019) era solitária, mas conforme fui conhecendo referências logo meus argumentos não estavam sozinhos, não eram “coisas da minha cabeça”. Percebi que muita gente antes de mim e em todos os cantos do mundo está exigindo seus direitos e hoje quando falo não carrego só uma opinião particular, mas a história de muita gente, nós não estamos pensando sozinhos, jamais.

Depois de perceber que questionar o que parece natural é valioso, passei a questionar não só por que não ensinam sobre gênero e sexualidade na faculdade, como também comecei a questionar por que todes es pensadores consagrados da educação são sempre homens brancos cis, além de discutidos sem o olhar da crítica ao sistema sexo-gênero. Dito isso, decidi escrever esse trabalho num formato em que primeiramente converso com você: pessoa leitora, como já o fiz, e em outro converso com autoridades consagradas na academia. Afinal é na conversa, na troca que se constrói raízes, pois ninguém educa ninguém, as pessoas se educam em comunhão (FREIRE, 2019).

ESTAÇÃO CAFEZINHO E CHÁ

A boa e velha conversa, aquela que fazemos sem um lugar definido para chegar, têm aroma de tempo presente, têm cheiro de cafézinho e olho no olho, papos que as pessoas podem até discordar, mas a conversa não segue linearidade, quando ambas as partes querem se ouvir. É disso que sinto falta, vivemos tão preocupados em ser produtivos o tempo todo, em atingir a meta de produção, que esquecemos da pausa, de aproveitar o tédio. Ora, sem o tédio e o ócio, parece que a conversa tem sempre que chegar logo em algum lugar, e então como escutar a outra pessoa sem querer logo convencê-la? Parece que não temos mais tempo pra ouvir.

Digo isso pois no momento que escrevo estamos imersos numa pandemia sem fim, uma pandemia de *fake news*, de fascismo, da aceleração das experiências, e é claro, do vírus. Ficar tanto tempo em casa me causou esse sentimento de saudade das conversas de bar, daquele cafézinho com pão de queijo e ver uma amiga presencialmente, fora da tela de um celular. Todavia, quem me dera fosse apenas sentir falta do presencial e do tempo. Tenho saudade da democracia. O governo de extrema direita tornou nítido que muitas questões acerca dos direitos humanos e educacionais não são tão óbvias para toda a população como achávamos, também fez questão de espalhar desinformação e retroceder significativamente nas pautas sociais.

Assim sendo, este é um momento de unir forças, de escutar as pessoas mais experientes e debater sobre a educação, influências para as crianças, escola, gênero e sexualidade de forma crítica. Pensando nisso, convidei para conversar e tomar um café comigo, três pensadores considerados extremamente importantes para o tema deste TCC, ao fazer isso, narro a experiência em formato de entrevista à seguir.

ESTAÇÃO CONVERSAS COM PAULO FREIRE:

Primeiramente, para começar esta série de diálogos, ninguém melhor do que ele: Paulo Freire, nosso Patrono da Educação Brasileira, criador do método de alfabetização que leva seu nome e importante educador crítico reconhecido mundialmente.

KS: Paulo, muito obrigado por você ter aceitado esse convite, particularmente sou um grande fã das suas obras, é sério, todo livro seu lá em casa têm milhões de marcações em quase todas as páginas, hahaha!

PF: Kaleb, eu que agradeço. É sempre um prazer falar sobre educação, trocar palavras, ver o que pensam os jovens e as jovens, tomando um cafezinho assim no início da tarde.

KS: Bom, primeiro para aquecer o debate, queria falar com você de algo que venho pensando: muitos estudantes ficaram sem aulas por conta da pandemia e agora vêm retomando suas atividades nas escolas, imagino o quão desafiador é para educadoras/es acharem uma forma de retomar todo o conteúdo perdido sem que isso se torne um ensino técnico, sem deixar a criticidade de lado. Que é algo que o senhor se debruça durante toda sua obra, né?

PF: Este momento histórico que estamos vivendo é justamente uma das razões do porque a criticidade nunca pode ser colocada de lado em razão de apenas “correr atrás” dos conteúdos perdidos. O conteúdo sozinho, sem relação com a vida real, não têm sentido. Além disso, o mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade, ofendida e recusada. Por isso mesmo a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética.³ Me parece que em tempos de “*fake news*” e intolerância extrema, a ética está dissociada da educação, não só nas escolas, em todo lugar.

KS: Exatamente, é um grande desafio que nós educadoras e educadores temos agora. Pra isso, também é preciso contar com os próprios educandos né? É preciso reconhecer o papel das crianças nisso?

PF: É um erro achar que educandos/as não são conhecedores e conhecedoras, que são folhas em branco. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?⁴

³ FREIRE (2019, p. 55)

⁴ FREIRE (2019, p. 31-32)

KS: É esta curiosidade que devemos cultivar né?

PF: A curiosidade é aquilo que nos move! Que nos tira do conformismo, e é algo que todo ser humano possui, nós como educadores precisamos atizar isso. Ter essa curiosidade de procurar informações e ainda mais, de checar se aquela informação é verdadeira! Isto é, estar aberto para o mundo, para o novo, para a transformação. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída, é uma das tarefas precípua da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil⁵. Então veja, pense comigo, o educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se⁶

KS: É verdade. Eu lhe perguntei essas coisas Paulo, pois em minhas experiências como educador sinto que não só as crianças são subestimadas e desencorajadas à curiosidade, como existem certos assuntos que são mais “castrados” que outros, como por exemplo gênero e sexualidade. Eu **acredito demais que seja possível falar de performance de gênero, de costumes e crenças com as crianças sem que isso seja um tabu**, elas mesmas estão sempre nos perguntando sobre essas coisas. **Na verdade, não só as crianças, como todas as pessoas na escola estão sempre falando em gênero sem falar de gênero**, seja num comentário sobre o uniforme curto de alguma funcionária, seja no próprio fato social da predominância de mulheres cis negras nesta área.

PF: Kaleb, toda neutralidade afirmada, é uma opção escondida⁷. Se a escola e o governo atual negam o ensino e o debate de gênero e sexualidade isto é uma opção. Não ter nenhuma menção a estes temas na BNCC é uma escolha, e vivendo numa sociedade que está sendo machista e homofóbica, a opção é para que se continue assim, sufocando a curiosidade dos jovens, dizendo que isso não é assunto pra criança. Olha, eu vou te

⁵ FREIRE (2019, p. 33)

⁶ FREIRE (2019, p. 56)

⁷ FREIRE (2019)

contar uma história que eu já disse em outros lugares, mas é importante. Eu fui dar um curso numa universidade na Tanzania e você precisa ver! Oh que lugar lindo, o campus é todo, todo plantado de cajueiro, quando eu vi aquilo, aquele cheiro, eu fiquei doido! Fazia anos que eu não sentia esse cheiro. Mas o que aconteceu foi que eu estava passeando com um professor nesse lugar, ele estava me mostrando o campus, e ele agarrou minha mão, ficou assim balançando de um lado pro outro e eu só pensava “Meu deus do céu o que é que vão dizer de mim em Pernambuco?”⁸ Eu, morri de medo, pense! Naquela época eu de fato tive uma reação discriminatória, veja.

KS: Hahahah (risos)

PF: Eu quero dizer a você que eu evoluí, muito, aquela foi uma atitude machista. Eu tenho um profundo respeito pela sexualidade dos outros. E agora eu quero fazer a crítica de mim mesmo, quer dizer a crítica de minha cultura, onde nasci as pessoas tinham essa cultura de querer ser machão. Mas faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. **A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.**⁹

KS: Exatamente, venho pensando muito em algo que você diz, sobre como nós não sonhamos com aquilo que não conhecemos, como nossas crianças transviadas vão sonhar em ser professorias se não conhecem essa potência? Isso acontece da mesma forma que você não soube lidar com esse professor, porque não teve muito contato com outras pessoas assim. Mas enfim, Paulo, sei que você chegou de viagem hoje e deve estar muito cansado, por isso não vou mais me alongar, gostaria de agradecer imensamente este nosso breve encontro, sua escuta e sua generosidade de partilhar comigo suas ideias.

PF: Como eu disse, é sempre bom poder dialogar com outros educadores, nós não fazemos política individualmente, é junto que a boniteza acontece.

⁸ VIDEO DE FREIRE (1994)

⁹ FREIRE (2019, p. 37)

KS: Para encerrar, eu gostaria de ler uma frase sua famosa que adaptei, para todes que algum dia lerem nossa conversa:

“Aos esfarrapades, aos boycetas, às bichas, aos (des)viados, sapatonas, montruosidades do mundo marginal que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com elus sofrem, mas, sobretudo com elus lutam... Não estamos sozinhos.”¹⁰

ESTAÇÃO CONVERSAS COM JUDITH BUTLER:

Nossa segunda convidada é uma das figuras mais importantes nos estudos da teoria queer, do feminismo e da filosofia política e ética, é estadunidense e professora do Departamento de Retórica e de Literatura Comparada da University of California: Judith Butler.

KS: Butler, como vai? Fez boa viagem? Sente-se, por favor, gostaria de agradecer imensamente você ter conseguido um momento para nós aqui hoje, sei como você é uma pessoa com a agenda cheia haha.

JB: Obrigada pelo convite Salgado, fazia um tempo que eu não vinha ao Brasil, se você me der licença vou pedir um café.

KS: Claro, fique à vontade, já estou tomando um. Mas sim, nem me fale, da outra vez que você veio teve até ataques no aeroporto contra você e sua companheira né?¹¹ Confesso que senti vergonha ao ver o vídeo, as pessoas te chamando de pedófila, assassina, usando termos como a “ideologia de gênero”, isso é algo comum aqui, infelizmente.

JB: Eu estou “acostumada”, sabe? O mundo que os conservadores querem destruir, o mundo gay, lésbico, o mundo trans, o mundo feminista, já é muito poderoso. Eles não têm chance de destruí-lo. E eles realmente sabem que não apenas é muito poderoso, como está se tornando mais poderoso, está se tornando mais aceito, e quanto mais aceito é, com mais raiva eles ficam¹². É por isso que vieram me insultar com xingamentos, e coisas do tipo que sou uma ameaça às crianças.

¹⁰ FREIRE (2019, p. 5)

¹¹ Veja a referência ao vídeo da Carta Capital nas referências (2018).

¹² Veja a referência ao vídeo Judith Butler no Brasil (2018).

KS: Mas você realmente acha que não há como destruir esse mundo?

JB: Sim, por que o que vemos agora nesse conservadorismo sexual contemporâneo é um esforço para nos levar de volta a um mundo que nunca mais voltará. E é nisso que acredito. Então não devemos nos preocupar com a reversão de todos os nossos passos. Eles estão tentando, mas eles não vão ganhar, por que nosso lado é o lado da aceitação, da maior compreensão, e oferece mais reconhecimento a mais pessoas. As pessoas querem viver com liberdade, querem viver com alegria, elas não querem viver com vergonha, com censura. Então nós temos a liberdade e a alegria do nosso lado, por isso no final iremos ganhar.¹³

KS: Nossa! Interessante este ponto de vista, concordo, realmente enquanto os movimentos tiverem em vista a liberdade, a garantia de direitos e a alegria, estaremos no caminho certo. Engraçado você falar disso por que eu estava agora a pouco conversando com uma pessoa incrível que adoraria ouvir isso. Esse cara, o Paulo Freire, fala muito sobre libertação, como “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”¹⁴ e é por isso que também acredito que enquanto o “nosso lado” buscar fazer política *com* as pessoas, e não *para*, certamente seremos mais fortes, como dizia Freire, isso é a nossa potência.

JB: Ah, ele é famoso! Preciso ler mais sobre o que ele diz, mas algo que Foucault discute que podemos pensar é que onde houver poder, haverá resistência¹⁵. Isso porque é muito a forma como a norma atua em nossa sociedade, se consolidando principalmente no século XIX é dando nome aquilo que “não é natural” para eles, pela oposição, pelo regime sexo-gênero e binário e etc.

KS: Essa questão sobre o regime sexo-gênero e binário é uma das coisas que mais me instigou a ler sua obra, já tive até brigas com colegas pois, para eles, o sexo dividido binariamente entre feminino e masculino é algo natural, uma nomenclatura necessária para o desenvolvimento da medicina. Entretanto nem sempre as coisas foram assim né? Por exemplo, Laqueur¹⁶ mostra como antigamente gregos/as acreditavam que

¹³ Veja a referência ao vídeo Judith Butler no Brasil (2018).

¹⁴ (FREIRE, 2019, p.71)

¹⁵ VIEIRA (2021)

¹⁶ (LAQUEUR, 2001)

só existia um sexo, isto é um órgão genital, o masculino, e que os demais seriam falhas, corpos que falharam em ser homem, as mulheres eram vistas quase como “homens fracos ou falhas”¹⁷. O que acha disso?

JB: Complexo, é instigante ver como as pessoas separam gênero e sexo como o primeiro sendo a identidade, o subjetivo, e o outro sendo o biológico, como se a natureza e suas nomeclaturas não fossem elas próprias, filhas de um tempo histórico, de uma intenção. Foucault foi uma das pessoas que estudou este regime à fundo e afirma que o século XIX instituiu uma verdade sobre o sexo¹⁸, este momento foi de fato a época que as identidades e a sexualidade “nascem”. Veja, se gênero fosse algo natural a todos, não precisaríamos estar o tempo todo nos autoafirmando, certo? Os grupos conservadores não precisariam estar **provando** que não existem pessoas trans, porque algo natural é algo que não precisa ser provado a todo momento, certo?¹⁹

KS: Exatamente

JB: Pois bem, “o sexo biológico”, como você já exemplificou com os escritos de Laqueur, também é uma invenção. Nesta época que você trouxe, a vagina era vista como um pênis não desenvolvido, logo a própria ideia de homem, mulher, vagina e pênis não era a mesma de hoje, existia apenas uma única “genitália”. É na verdade o gênero que cria o sexo, as identidades de homem e mulher foram criadas com base na moral cristã de reprodução, assim o sexo surge como dois órgãos diferentes e complementares entre si, dois opostos, binários, do qual são o “destino” reprodutivo humano.

KS: Nossa, pois é isso que penso, não há nada de natural nisso tudo, têm uma frase que a Helena Vieira sempre diz, que é como se o século XIX, e este sistema binário, escrevessem uma história, uma ficção de gênero e apagasse todos os rastros dessa invenção, um século que se apoia na verdade da medicina.

¹⁷ VIEIRA (2021)

¹⁸ VIEIRA (2021)

¹⁹ VIEIRA (2021) e BUTLER (2020)

JB: Já conversei algumas vezes com Helena, o trabalho dela é muito interessante. Mas de fato é isto que acontece, o determinismo cultural diz que o gênero se constrói a partir de uma base biológica, o sexo, e que gênero seriam as várias interpretações dele. Entretanto é a ordem binária de gênero que produz uma ordem binária de sexo. Porque se inventam dois sexos? Para a organização da família heterossexual, monogâmica moderna, o sexo foi um artifício do gênero para se fazer natural.

KS: É esta “virada de chave” que sempre me escancara a mente, me deixa chocado, pois hoje temos muita gente do movimento trans e travesti, incluindo eu mesmo, que luta pela desnaturalização do gênero, mas não sabe desta “invenção do sexo”. Entendo que para você gênero e sexo são a mesma coisa e por isso estamos sob um regime de gênero-sexo. A vida toda nos ensinam que este é nosso destino né? Que somos determinadas por nossa genitália, que o homem nasceu para a mulher e vice-versa. A história da sexualidade se mistura muito com a de gênero, como você bem ilustrou e como bem sabem as pessoas trans, na sua experiência.

JB: Sim, e digo mais, se sexo e gênero são historicizáveis, logo isto é admitir que são mutáveis ao longo do tempo, os homens ricos de séculos passados que usavam perucas e maquiagem, hoje poderiam não ser reconhecidos como homens. Isto quer dizer que nós nunca atingiremos nosso “destino” de sermos homens ou mulheres, por que isso está mudando o tempo todo, por que gênero se faz fazendo, na performance, na ação. Ninguém de fato consegue conquistar inteiramente o título de homem, ou mulher, ninguém de fato consegue ser.²⁰

KS: Hahah, nossa pois esta questão do ser ou não ser... Paulo Freire também fala disso “O mundo não é, o mundo está sendo”²¹...E sabe o que acho mais doido disso tudo? Se você diz que ninguém pode de fato *ser*, por que exigimos isso de outres? Quão pretensioso é afirmar aos seres humanos no seu início de vida o que são? Acho que muito do que adultos, pais, têm medo da educação libertadora não é o que vamos ensinar, mas o que podemos não ensinar ou edes, a possibilidade da dúvida nas crianças sobre quem estão sendo e o que querem “ser”... Afinal se nossa performance é tão

²⁰ BUTLER (2020)

²¹ FREIRE (1996, p.76)

mutável assim, então o que seria a escola se não tivesse regras que segregam os sexos? Esses temas são um perigo para a família convencional. O que você acha?

JB: Bom, se vamos pensar sobre isso, primeiro é importante falar que gênero é algo fruto de tradições, rituais culturais sempre em movimento. Além disso, as identidades generificadas nunca irão dizer tudo sobre uma pessoa, todas as identidades são excludentes, os gêneros inteligíveis sempre irão produzir aqueles que não o são²². Então vamos fazer uma digressão de volta para o século XIX, como já dissemos, este é um momento de passagem para o regime da biopolítica de Foucault, onde não mais o poder religioso e cristão é o principal, e sim, a verdade da medicina. Veja, psiquiatras e diversos médicos começam a dizer o que é doença, o que não é saudável, o que é uma psicopatia, e ao fazê-lo delimitam o que não é uma doença.²³

KS: O dispositivo da sexualidade regula pelo enunciado não sexual de questões sexuais. Essas pessoas começam a falar de coisas sexuais sem dizer que são sexuais né? Tudo em nome da saúde.

JB: Justamente, ao delimitarem o que é uma doença, criam o que não é doença, o que é saudável, limpo. Como por exemplo, os casos do Dr Krafft-Ebing²⁴ que produz uma lista de depravações, dentre elas a homossexualidade, e reorganiza a própria noção do “hétero”, antes com um significado totalmente diferente de hoje em dia. Veja, o desvio é sempre nomeado antes da norma.²⁵

KS: Verdade, o termo “transexualidade” ou “transexualismo” surge primeiro e só 70 anos depois, temos o surgimento do termo “cisgênero”²⁶, apesar do hétero ter sido nomeado, como você disse, ele nem sempre foi algo limpo como hoje né? Novamente voltamos ao paradigma do binário, o poder da biologia em dizer o que não é natural, automaticamente nos condiciona a imaginar o que é natural.

JB: Sim, a medicina reorganiza a heterossexualidade invocando a lei, a natureza e Deus. O próprio Dr Krafft-Ebing menciona esses três aspectos.

²² BUTLER (2020)

²³ VIEIRA (2021)

²⁴ KRAFFT-EBING (1886)

²⁵ VIEIRA (2021)

²⁶ MOIRA (2017)

KS: Não à toa são os pilares do ocidente né? Aqui no Brasil quando os missionários vieram foi o que disseram de nós, que aqui era uma terra sem lei, sem Deus...Mas por que estamos falando disso mesmo? Acho que me perdi na sua digressão hahah (risos)

JB: Hahah (risos), eu também, vamos voltar para sua pergunta. O que seria da escola sem dizer o lugar das meninas e dos meninos? Bom para começar, gênero é algo que se faz fazendo, como falamos, ele muda no curso do tempo, as nomenclaturas “hétero, mulher, homem” como falamos na Grécia antiga e nos escritos do Dr todas mudam de acordo com cada regime político que se sobressai. Imagino que para a escola, que é um desses lugares importantíssimos no controle do poder, não delimitar o lugar de cada coisa num momento da vida que as pessoas são tão fluidas, significa problema. Ora, na verdade acho que para pensar em uma escola sem essas delimitações de gênero, teremos que rever a própria ideia de escola, e seu propósito.

KS: É aí que eu entro! Ah, a escola é, sim, um lugar que obrigatoriamente todes que vão trabalhar e querem conseguir uma vida mais digna têm de passar, onde nos são ensinadas coisas que esquecemos na faculdade, um lugar que pra nós LGBTIA+ rende vários problemas, onde criamos problemas também!

JB: Sabe, no discurso vigente na minha infância, criar problema era precisamente o que não se devia fazer, pois isso traria problemas para nós. A rebeldia e sua repressão pareciam ser apreendidas nos mesmos termos, fenômeno que deu lugar a meu primeiro discernimento crítico da artimanha sutil do poder: a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas. Assim, concluí que problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los.²⁷

KS: Hahaha (risos) adorei! É exatamente assim na escola, nós professories usamos o “Vou contar para sua mãe”, um problema, para “prevenir” outros problemas,

²⁷ BUTLER (2020, p.7)

que coisa mais doida. É por isso que gosto quando as crianças fazem bagunça, temos que encarar o que são esses problemas.

JB: É, e justamente sair da lógica binária é problema. Por que se somos ensinados a ser hétero e cis e por causa da binariedade de gênero. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”.²⁸

KS: Caramba, é isso é bem complexo, mas pensando bem não é a toa que tivemos mais de 30 projetos de lei para proibição de linguagem neutra nas escolas, este regime precisa do binário para poder produzir suas noções cis-hétero.

JB: Sim, haha (risos), esta conversa vai longe! Talvez possamos continuar num próximo encontro?

KS: Sim, sim, com certeza, você tem outro compromisso agora né?

JB: Eu preciso ir, justo quando estávamos entrando na não-binariedade!

KS: Hahah, tudo bem, eu já estou com a cabeça cheia de nós, vamos marcar outro encontro para falar disso, muitíssimo obrigado pelo seu tempo! E bom resto de semana!

JB: Até mais.

ESTAÇÃO CONVERSAS COM LEV VIGOTSKI:

Nosso terceiro e último convidado com quem marquei uma conversa nessa estação, a estação Cafézinho, está vindo de muito longe, ele é um famoso psicólogo russo, proponente da teoria histórico-cultural e importante pensador sobre como a aprendizagem ocorre através das relações sociais: Lev Vigotski.

²⁸ BUTLER (2020, p.44)

KS: Boa tarde senhor, confesso que é uma grande honra estar aqui com o senhor, nem sei o que dizer, lá onde moro praticamente todes que estudam educação sabem quem você é! Agradeço demais que o senhor tenha aceitado meu convite!

LV: Boa tarde, obrigado pelo encontro, é muito interessante ver como o que escrevi a tanto tempo ainda hoje é tão atual, o meio, os contextos mudaram, mas muita coisa ainda se repete não é?

KS: Com toda certeza! Aliás falar sobre o novo e a repetição é um dos meus assuntos favoritos ao ler sua obra, se me permite, eu gostaria de ir direto ao ponto, já que nosso tempo é curto e as dúvidas são imensas...

LV: Sim, claro, enquanto isso vou pedir um chá e Borsch.

KS: Borsch? O que é isso?

LV: É uma sopa de beterraba deliciosa, no Brasil não tem? Você precisa experimentar.

KS: Que interessante, eu gosto muito de sopa de legumes, vou comer algum dia. Mas bem, já entrando no assunto da educação, um dos seus escritos que tenho lido, um de meus favoritos, é o *Imaginação e Criação na Infância*²⁹, que obra rica! O senhor falando sobre como muita coisa se repete me lembrou sobre o processo da repetição, algo que é debatido no livro, pelo que entendi ela faz parte do processo de criação certo? Poderia falar um pouco sobre isso?

LV: De fato, ela é a relação entre as atividades combinatórias e as de repetição, sendo esta última uma forma de reprodução de uma conduta anteriormente criada, que ressuscita marcas de impressões precedentes, entende?. Quando me lembro da casa onde passei a infância ou de países distantes que visitei, reproduzo as marcas daquelas impressões que tive à época.³⁰

²⁹ VIGOTSKI (2009)

³⁰ VIGOTSKI (2009, p.10)

KS: Isso é algo muito importante na vida do ser humano, né? O senhor chama a base orgânica dessa atividade reprodutiva de plasticidade³¹ pelo que me lembro, isso é algo que se pensarmos no papel da escola é um enorme poder que têm os/as/es profissionais da educação. Explica também por que é tão difícil para pessoas adultas entenderem o que é uma pessoa não binária, trans, respeitá-la como as crianças ao serem introduzidas no assunto.

LV: Sim, é por meio dos hábitos que se repetem que se constituem as marcas no nosso cérebro, como numa folha de papel dobrada, no local da dobra fica uma marca do que foi feito³². A escola como local onde passamos grande parte de nossas vidas tem uma de suas razões nisso, na repetição de hábitos.

KS: Pensando nisso, imagino que uma educação cisheterocentrada dada por anos nos deixa muitas marcas. Ouvir de professores que meninas têm de ser bem comportadas, além de em peças infantis, teatro, sermos sempre colocadas para fazer par romântico com um menino, com certeza cria marcas, não é à toa que acredita-se que ser cis e hétero é algo natural... Ah! Eu quase esqueço que na sua época não se falava muito disso, pois bem “cis” é uma pessoa que é ensinada a ser como homem/mulher e não transpassa isso, se conforma com o gênero que lhe foi atribuído, além disso elas têm alguns privilégios que as outras pessoas não têm.

LV: Hmm, bem sobre a escola, é realmente um lugar que muitas marcas são formadas em nós, qualquer coisa que seja repetida com bastante frequência conserva uma modificação, na qual temos uma predisposição para repetir no futuro.³³

KS: Ou seja, se somos ensinados por muito tempo a sermos preconceituosos, isso não é algo fácil de ser superado, certo? Até mesmo a pessoa mais politizada que existe, terá dificuldades de rever “certezas” das quais teve contato repetidamente quando criança. Enquanto não tivermos uma educação, um currículo, que fale nitidamente sobre o sistema e os signos de gênero/sexualidade na infância, teremos que lidar com adultos/as que não reconhecem as violências que pessoas trans passam diariamente, por exemplo.

³¹ VIGOTSKI (2009, p.12)

³² VIGOTSKI (2009, p.12)

³³ VIGOTSKI (2009, p.12)

LV: Sempre achei muito ruim na minha época que meninos e meninas estudavam em classes separadas, acho que é nesse sentido que você está falando, certo? É verdadeiro que esses hábitos nos constituem, mas como seres humanos não é a única atividade que nos faz quem somos, há também a atividade criadora. O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz, mas também o combina e reelabora. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente.

KS: Verdade, não posso esquecer disso, que não somos só a repetição do nosso passado, se as pessoas não mudassem e combinassem novas ideias estaríamos sempre falando sobre as mesmas coisas desde o início da humanidade... na verdade acho que talvez nem falaríamos. Mas, também a criação só pode ser feita com base naquilo que temos em nossas experiências, não é?

LV: Sim, a primeira lei da atividade da imaginação que escrevi diz sobre como ela depende da diversidade do meio que estamos inseridos, do que vivemos, experienciamos ao longo da vida.³⁴

KS: Fico pensando, se por exemplo uma criança não tem em seu currículo escolar temas sobre diversidade sexual e de gênero, temas que atravessam nossa vida no ocidente, se a professora não falar sobre isso em sala de aula com criticidade, é provável que esta criança busque respostas em outro lugar, o que é algo corriqueiro, porém ela estará sem as ferramentas da criticidade que a escola deveria dar. Não é ao acaso que muitas pessoas trans se percebem assim mais velhas, elas certamente não conseguiram se imaginar assim, não tiveram referências, bases para isso anteriormente, como o senhor disse sobre a atividade criadora. Afirmar-se trans exige muita coragem.

LV: Sobre esta questão de ser trans, isso eu não entendo, é realmente bem difícil imaginar algo que não está no seu meio. Uma criança imagina uma sereia pois conhece uma mulher e um peixe, por exemplo. Acredito que o que está dizendo sobre gênero é assim, gênero está em toda parte certo? Então as crianças em algum momento vão

³⁴ VIGOTSKI (2009, p.22)

imaginar e pensar sobre isso, se a escola não fala disso com criticidade poderão certamente combinar a ideia “errado” com “dois homens juntos”, ou ser trans acho...

KS: Sim! É como você fala, tanto há uma pobreza material como de elementos imaginativos, há uma pobreza, na verdade uma miséria de elementos explícitos sobre gênero e sexualidade na escola, tudo fica no campo do não-dito, é uma miséria de referencial transviado.

LV: Bem, têm alguns conceitos que disse dos quais desconheço, mas sim, o criar e o imaginar vem a partir de uma articulação de elementos disponíveis na realidade³⁵.

KS: Um influencia o outro e vice-versa não é?

LV: Sim!

KS: Outra coisa que eu queria conversar é sobre o que o senhor escreveu acerca da terceira lei da imaginação, me corrija se eu tiver entendido errado, mas é como nossas emoções influenciam nossa percepção do mundo?

LV: O sentimento seleciona elementos isolados da realidade, combinando-os numa relação que se determina internamente pelo nosso ânimo³⁶, por exemplo quando dizemos que o tom azul-claro é frio e o vermelho é quente, aproximamos a impressão azul e a impressão frio apenas com base nos estados de ânimo que ambos induzem em nós. É o tipo de imaginação mais subjetivo, mais interno.³⁷

KS: Isso é impressionante, lembro que você deu o exemplo de como as paixões e os destinos dos heróis inventados nas histórias nos alegram e sua desgraça nos perturba, apesar da história ser ficcional, nosso sentimento provocado é real. Isso diz muito sobre por que muitas pessoas sentem medo de pessoas negras aleatórias na rua, sem nunca terem se conhecido, afinal as histórias e os noticiários sempre associam pessoas negras com violência. Outro exemplo que fiquei pensando é também sobre pessoas trans, o

³⁵ VIGOTSKI (2009)

³⁶ VIGOTSKI (2009, p.26)

³⁷ VIGOTSKI (2009, p.28)

nojo que sentem da gente, acho que vem muito da associação de HIV/AIDS e doença conosco, sendo que na verdade é só preconceito mesmo, essa doença nunca contaminou só pessoas LGBT+

LV: Esses casos fazem sentido com a ideia, da mesma forma, por exemplo, que a imagem de um bandido criada pela fantasia da criança é irreal, mas seu medo e susto são verdadeiros, e as ações a partir da vivência desse medo real³⁸ desencadeia ações reais.

KS: Vigotski o senhor é um gênio... nós professorias precisamos de mais atenção com as nossas relações, com os afetos, com as imaginações... fico sempre perplexo com suas considerações. É preciso que professorias disponibilizem referências sobre viver em comunhão, em liberdade, organizar o ambiente educativo para novas combinações que não perpetuem violências.

LV: Agradeço o elogio, mesmo sabendo que gênios, essas coisas inatas não existem haha!

KS: É verdade, mas o senhor sabe o que eu quis dizer, haha, enfim, muito obrigado por conversar comigo!

O último autor dessa série de diálogos, Lev Vigotski, então parte e adentra seu trem de volta no tempo, deixando-me na cafeteria onde nos vimos. Nos momentos seguintes restou-me uma sensação de calor no peito, um aquecimento do corpo que pode ter sido obra dos vários cafés que tomei, enquanto conversava com as pessoas e tentava tecer contribuições as suas ideias, ou pode ser também um sentimento de gratidão pela oportunidade de conhecer essas pessoas e costurar ideias com elas, num país onde poucas pessoas têm acesso ao livro, ao conhecimento, ao ensino superior, à uma educação crítica, pós-crítica e à educação de qualidade.

Em suma, gostaria de agradecer a disponibilidade de todos/as as autoras para esta sequência de debates e entrevistas, bem como agradecer as pessoas que me levaram a conhecê-los/as.

³⁸ VIGOTSKI (2009, p.28)

ÚLTIMA ESTAÇÃO, POR ENQUANTO...

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar quando quero
Todos os dias é um vai e vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida
(NASCIMENTO, 1985)

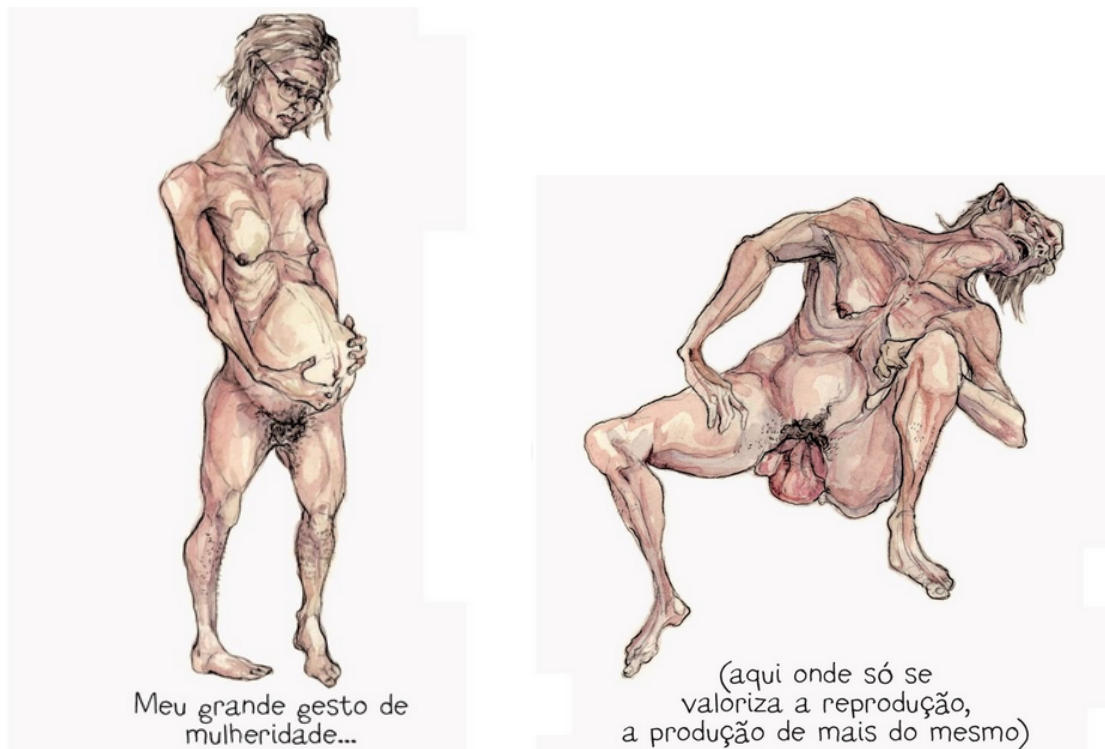
Assim como toda obra de construção ferroviária, este trabalho chegou ao fim do seu expediente, mas isto não significa que é a conclusão das ideias ou o fim da nossa prosa, afinal, novas estações podem ser inauguradas, bem como reformadas de acordo com a necessidade de seus/suas/sues passageiros, ou até mesmo podemos abolir a ideia de trem e renomear nosso veículo para “busão” ou “nave espacial”, haja vista aqui no Brasil “trem” eu só vejo em Minas Gerais mesmo.

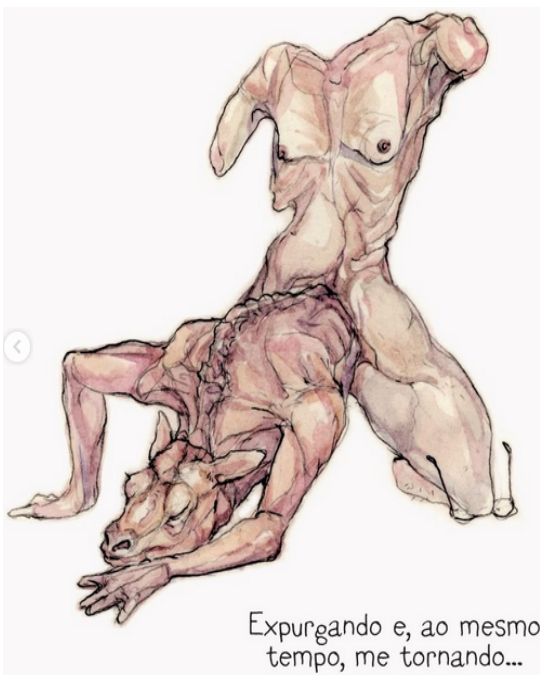
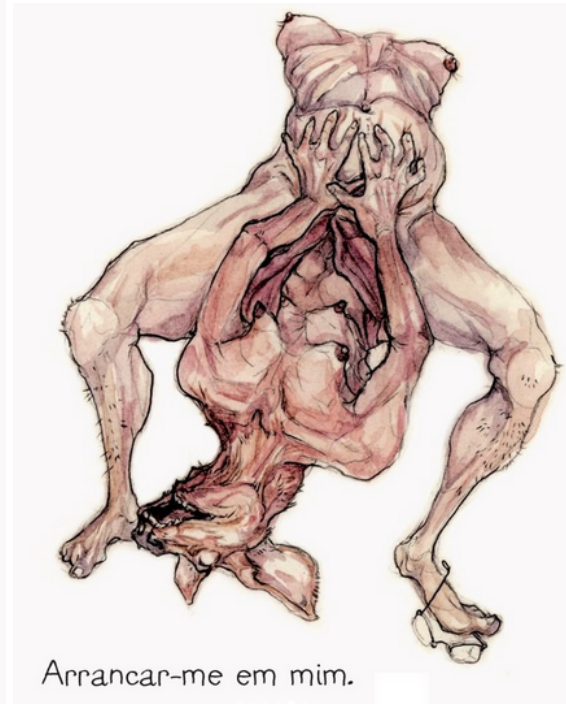
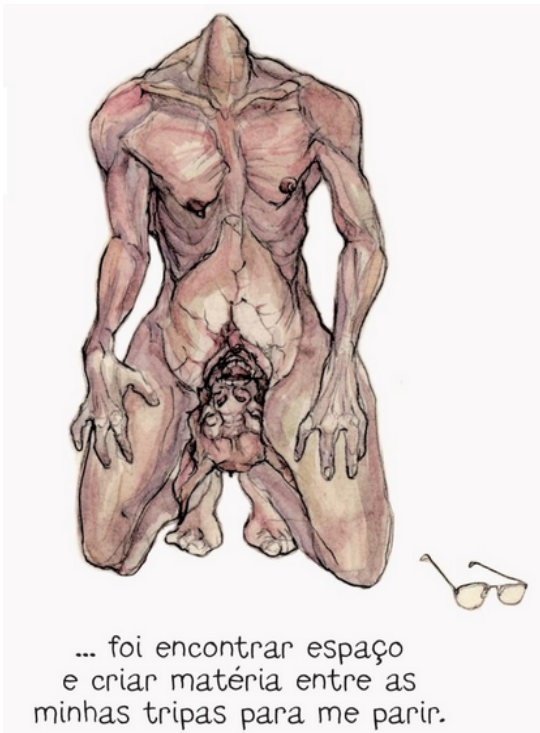
Por conseguinte, recuperando o caminhar da nossa viagem, é importante destacar o olhar sobre a não-binaridade, pois até mesmo dentro do movimento trans esse

é um tema de difícil discussão, tamanho é pensamento colonial enraizado, que divide a sociedade entre mulheres e homens, sujeitos e não-sujeitos, civilizados e selvagens. Nesse sentido, as existências que fogem da binaridade são vistas como seres desprezíveis, anormais, principalmente se são pessoas que podem influenciar as crianças e jovens, como os/es/as professoras e têm uma prática *contra-binária*, que se nega ao papel de naturalizar as relações sexo-gênero e as funções sociais do gênero.

Todavia, essa narrativa de “vilãs e vilões” que nos foi atribuída pode ser subvertida e vista como possibilidade na medida que escritores como Arruda se apropriam da estética monstruosa como forma de contestar o discurso normativo, o qual busca padronizar a educação e os corpos. Veja abaixo um trecho dos quadrinhos “Monstrans” de Lino Arruda (2021):

Figura 2 - Parto Deshumanizante





Fonte: Quadrinho “Monstrans” e Instagram do autor

Todavia, porque tratar desses temas na infância? De acordo com Vigotski (2009) quanto maior for a disponibilidade de experiências e referências, maior será a possibilidade de combinação e imaginação da pessoa, ou seja, quanto antes as crianças tiverem contato com os debates sobre sexualidade e gênero, mais cedo saberão se

defender de abusos, saberão que sua identidade - seja ela qual for - deve ser respeitada, teremos pessoas pensando o mundo fora dos muros hétero-cis-brancos.

Não falar disso na escola, achando que é somente dever da família, significa naturalizar pequenas violências cotidianas, é transmitir uma mensagem implícita: não se pode falar sobre isso, isso é errado, o comum e universal é que todos querem ser héteros, cis, brancos e, por isso, não se discute. Como Freire (2019) debate, não existe neutralidade no conhecimento, na ciência, se o diálogo na escola sobre isso não está acontecendo de forma intencional e explícita significa ser conivente com a opressão.

Além disso, o/a/e pedagogo é quem, de acordo com Vigotski, organiza o espaço educativo, aquele que opta ou não por determinadas experiências, quando este educador opta por não trazer para o espaço as possibilidades múltiplas de se viver, por exemplo elementos da cultura LGBTQIA+, isto é o mesmo que dizer que aquelas não são possibilidades de existir, que não são dignas de valor e de visibilidade.

É preciso respeitar as infâncias, isso se dá intrinsecamente respeitando as diferentes infâncias, as infâncias indígenas, periféricas, viadas, quilombolas, transviadas, afeminadas, dentre outras. Nesse sentido, quem pode ser criança de forma plena? Quem pode experimentar?

Estas foram perguntas que tentei abordar no ensaio, mas acima de tudo para que as respostas nos gerassem novas perguntas, tal como as crianças fazem, quando algo nos parece muito óbvio, elas escancaram as contradições. Se alguém aqui nunca se sentiu (des)concertado para explicar ideias a uma criança, te convido a conviver mais com elas e se abrir para o (des)conforto de não tentar explicar tudo, mas entender as indagações.

O processo de escrever este trabalho foi um caminho para revisitar certezas, questioná-las, andar de mãos dadas com as contradições e permitir que elas fossem vistas, por que as vezes damos tanta importância para uma resposta, para por exemplo contestar uma resposta, sendo que em realidade muitas vezes o que não faz sentido é a própria indagação. Se você me perguntar, por que as pessoas viram trans? Eu direi que não me importa muito, mas se você me perguntar por que elas não o fazem, aí já é bem mais significativo não acha?

Por fim, espero ter contribuído um pouco para o debate sobre gênero, educação e transgeneridade, para que novas professorias possam se fortalecer na luta contra a binarização da vida, contra opressão de gênero e toda forma de violência. Futuramente há perspectivas para que o trabalho seja mais aprofundado teoricamente, bem como com uma pesquisa de campo em torno do tema.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Lino. **Monstrans**: Experimentando Horrormônios. 1. ed. Campinas: Ed. do Autor, 2021.

BRU, MC; DUDU MANO, MC; MARCIANA, MC; CALIANDRA, MC; DO COCO, Martinha. **Água Não É Contrato**. Brasília: On1lilBeatz, 2021. Música no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D0ax8dvQwG8>. Acesso em: 4 abr. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith. **Judith Butler no Brasil**: Quem tem medo de falar sobre gênero?. Youtube: Heleni Andrade, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cozmjJpMakM>. Acesso em: 5 abr. 2022

CAMPOS, Demétrio; VIVIBACCO, Vivibacco. [Sem título] 2019. Fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1w43E-gPHO/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CARTA CAPITAL. **Judith Butler sofre agressão no Aeroporto de Congonhas**. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=urNAs80yUDU>. Acesso em: 5 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. Vídeo **Prof. Paulo Freire**. In: USP CDCC (São Carlos). São Carlos, 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2C518zxDAo0&t=782s>. Acesso em: 19 abr. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 33.ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FIGUEIREDO, Camila; MALVEZZI, Paulo. Brasil tem 34 projetos de lei estadual para impedir uso da linguagem neutra. Diadorim, [S. l.], p. 01-05, 22 out. 2021. Disponível em: <https://www.adiadorim.org/noticia/brasil-tem-34-projetos-de-lei-estadual-para-impedir-uso-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 4 abr. 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Martinsfontes, 2019.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

KRAFFT-EBING, R. **Psychopathia Sexualis**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 387-392, 2009.

LAQUEUR, Thomas. Destino é anatomia. *In*: LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. [S. l.]: Relume Dumará, 2001. p. 41-87.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Encontros e despedidas**. Compositor: Milton Nascimento. [S. l.: s. n.], 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FiLYn6Xkn8U>. Acesso em: 19 abr. 2022.

REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES; LEMOS, Kaio; PFEIL, Bruno; INSTITUTO INTERNACIONAL SOBRE RAÇA, IGUALDADE E DIREITOS HUMANOS. **Relatório - A Dor e a Delícia Das Transmasculinidades No Brasil**. Revista Estudos Transviades, [S. l.], p. 01-86, 5 dez. 2021. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/536316040/Relatorio-A-Dor-e-a-Delicia-Das-Transmasculinidades-No-Brasil>. Acesso em: 4 abr. 2022.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 12, 2007. DOI 10.1590/s1413-24782007000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 abr. 2022.

VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e criação na infância**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

RODOVALHO, Amara Moira. **Cis By Trans**. Revista Estudos Feministas [online]. v. 25, n. 1, pp. 365-373, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p365>. Acesso em 5 Abril 2022

VIEIRA, Helena. Curso História da Sexualidade. *In*: CURSO HISTÓRIA DA SEXUALIDADE, 2021, Online. **Modernidade, dispositivo da sexualidade [...]**. [S. l.: s. n.], 2021.